

Tópicos em Sintaxe Formal

Elementos para uma introdução ao Programa Minimalista

Prof. Juanito Ornelas de Avelar

**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas**

Sumário

1. Avaliação minimalista de pressupostos da Teoria de Regência e Ligação
 - 1.1 A arquitetura da Gramática Universal
 - 1.2 Níveis de representação
 - 1.3 O Princípio da Projeção
 - 1.4 Módulos
 - 1.5 Conceitos minimalistas
 - 1.6 Avaliando a Estrutura Profunda em termos minimalistas
 - 1.7 Movimento, traços fortes e *Procrastinar*
 - 1.8 Avaliação minimalista da Estrutura Profunda
 - 1.9 Condição de Extensão
 - 1.10 Condições de economia e a noção de “numeração”
2. Pontos gerais do Programa Minimalista
 - 2.1 Derivação e convergência
 - 2.2 A computação sintática
3. Papéis temático
 - 3.1 Papéis temáticos e argumentos externos
 - 3.2 Atribuição de papel temático e a noção de Regência
 - 3.3 A *Hipótese do Sujeito Interno ao Predicado* (HSIP)
 - 3.4 Evidências para a HSIP
 - 3.5 Verbos ditransitivos
 - 3.6 Consequências da HSIP
4. Caso
 - 4.1 Caso e níveis de representação
 - 4.2 Caso e Regência
 - 4.3 Caso e “implosão” de Infl
5. Minimalidade
 - 5.1 Equidistância
 - 5.2 Problemas na noção de “equidistância”
 - 5.3 Minimalidade, Equidistância e o estatuto de Agr

1. Avaliação minimalista de pressupostos da TRL

Sugestão de leitura: HORNSTEIN, N., J. Nunes & K. Grohmann. 2005. 'Some architectural issues in a minimalist setting'. In: *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. 19-75.

1.1 A arquitetura da Gramática Universal (GU)

1.1.1 A GU é composta de princípios com “valores paramétricos”, que deverão ser marcados por meio da experiência que caracteriza a exposição da criança aos chamados Dados Linguísticos Primários (DLP).

1.1.2 O Problema de Platão: como sabemos tanto a partir de tão pouco?

- A natureza dos DLP é insuficiente para explicar a complexidade da competência linguística dos falantes nativos de uma língua.
- Os seres humanos devem nascer biologicamente equipados com um conjunto de princípios, radicados em sua mente/cérebro, que os permite construir gramáticas.
- A GU pode ser considerada uma ferramenta biologicamente determinada que toma DLP como *input* e produz uma gramática particular como *output*.
- A variação interlinguística é devida às diferentes possibilidades de marcação dos parâmetros.

1.2 Níveis de representação

1.2.1 Quatro níveis de representação em modelos da TRL: a Estrutura-P, a Estrutura-S, a Forma Lógica e a Forma Fonológica.

1.2.2 Estrutura-P (EP)

- Representação da estrutura argumental
- Lócus em que se define a recursividade da gramática.
- Em EP, posições tematicamente ativas devem estar preenchidas, enquanto aquelas sem conteúdo temático devem estar vazias.

(i) Para a construção a seguir, aponte as posições que deverão estar preenchidas em EP, bem como os elementos que deverão ocupar essas posições (na perspectiva de TRL).

A Maria quer lavar a louça.
A Maria parece amar os irmãos.

(ii) Que resposta poderia ser oferecida para explicar o contraste de aceitabilidade observado a seguir?

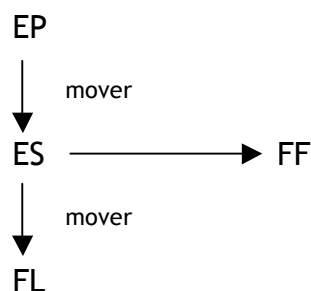
- (1) a. A Maria pode comprar aquele carro.
b. Aquele carro pode ser comprado pela Maria.
- (2) a. A Maria quer comprar aquele carro.
b. # Aquele carro quer ser comprado pela Maria.

1.2.3 Estrutura-S (ES)

- ❖ ES é o ponto em que a derivação é bifurcada em FL e FF.
- ❖ ES é o ponto em que vários módulos gramaticais são aplicados.

1.2.4 Os níveis de interface: Forma Lógica (FL) e Forma Fonológica (FF)

- ❖ Os níveis de interface são responsáveis por fornecer a informação gramatical requerida para que uma sentença receba interpretação semântica e interpretação fonético-fonológica.
- ❖ A arquitetura da Gramática em modelos da TRL



Considere a seguinte crítica ao modelo da gramática na TRL:

O modelo da “gramática em T” da TRL não pode estar correto, porque a semântica/o sentido deve anteceder as transformações sintáticas, e não ocorrer após tais transformações.

Que falha pode ser identificada na base dessa crítica?

1.3 O Princípio da Projeção

- 1.3.1 Algumas informações (por exemplo, informação temática) devem ser mantidas ao longo da derivação (EP → ES → FL).

Uma das conseqüências do Princípio da Projeção é a necessidade de postular vestígios para preservar as informações temáticas e estruturais estabelecidas em EP. Tendo isso em mente, atente para as sentenças abaixo e responda às seguintes questões: (a) em que posição devem ser colocados os vestígios dos constituintes-QU movidos em (1) e (2)? (b) pelo menos à primeira vista, que problema é apresentado pela construção em (2) na tentativa de explicitar, por meio de vestígio, as informações temáticas estabelecidas em EP?

(1) Qual mesa (que) você rabiscou?

(2) Em qual mesa (que) você colocou vários papéis em cima?

1.4 Módulos

- Teoria do Caso
- Teoria-θ
- Teoria de Ligação
- Princípio das Categorias Vazias e Subjacência
- Teoria X-Barra
- Teoria do Controle

1.5 Conceitos minimalistas

1.5.1 Critérios minimalistas para avaliar a qualidade de um modelo: **simplicidade, naturalidade, elegância, parcimônia, poder explanatório etc.**

1.5.2 “Grandes fatos” que caracterizam a faculdade da linguagem

- As sentenças são unidades linguísticas básicas.
- Sentenças são pares de forma e significado.
- Sentenças são compostas de partes menores (palavras e morfemas).
- Essas partes menores são organizadas no interior de unidades menores com estrutura hierárquica (os sintagmas), que são maiores que as palavras, mas menores que as sentenças.
- Sentenças exibem expressões que podem ser interpretadas em posições diferentes das que ocorrem.
- A linguagem é recursiva, ou seja, não existe um limite máximo para restringir o tamanho de uma sentença.

1.5.3 Economia metodológica (*Occam's razor* - A navalha de Occam): a Lei da Parcimônia.

1.5.4 Economia substantiva

1.6 Avaliando a ES em termos minimalistas

Qual é o estatuto de ES frente aos “grandes fatos” que caracterizam a faculdade da linguagem?

1.6.1 ES e Teoria do Caso

(1)/(7) He was seen.

(2)/(8) He seems to be likely to win.

(i) Por que a marcação de Caso não poderia se dar em FL?

(ii) Por que a marcação de Caso não poderia se dar em FF?

(3) *Condição de Visibilidade*

O papel- θ de um DP é visível em FL somente se o DP é marcado com Caso.

(4)/(10) a. I met the man [OP_i that Mary believed t_i to be a genius]

b. * I met the man [OP_i that it was believed t_i to be a genius]

1.6.2 checagem vs marcação

- **Marcação:** DPs inseridos em EP não dispõem de Caso, que deve ser adquirido no curso da derivação.
- **Checagem:** Quando inseridos em EP, os DPs já são plenamente especificados com Caso. O único requerimento é o de que, ao longo da derivação, esses DPs tenham o seu traço de Caso checado contra o mesmo tipo de traço presente em outro elemento.

- (i) De um ponto de vista minimalista, qual é a vantagem de assumir checagem, em vez de marcação, no tratamento de Caso?
- (ii) Como a sentença existencial a seguir é tratada no modelo de marcação de Caso e no modelo de checagem de Caso? Por que, de um ponto de vista minimalista, o tratamento no modelo de checagem seria mais vantajoso?

1.6.3 O lugar de aplicação do Princípio C

Considerando as sentenças em (5)/(17) abaixo, diga por que o Princípio C não poderia ser aplicado em EP.

- (5)/(17) a. *He_i greeted Mary after John_i walked in.
- b. After John_i walked in, he_i greeted Mary

(6)/(19) Who ate what?

- (7)/(20) a. ES: [CP who_i [IP t_i ate what]]
- b. FL: [CP what_k + who_i [IP t_i ate t_k]]

Se considerarmos que ligação somente se aplica em FL, como poderíamos avaliar os fatos a seguir? Qual deve ser, na perspectiva considerada até aqui, o lugar de aplicação do Princípio C?

- (8)/(22) Which picture that Harry_i bought did he_i like?
- (9)/(23) * He_i liked this picture that Harry_i bought.
- (10)/(24) * Which man said he_i liked which picture that Harry_i bought?

3.3.1 Movimento da categoria-QU, e não de todo o constituinte

- (11)/(25) LF:
* [CP which_m + [which man]_k [IP t_k said he liked [t_m picture that Harry_i bought]]]

- (12) a. [Quanto de carne]_i você comprou t_i ?
- b. Quanto_i você comprou [t_i de carne] ?

- (13)/(28) a. Which portrait that Harry_i likes did he_i buy?
- b. * Which portrait did he_i buy that Harry_i likes?
- c. Which portrait did he_i buy that Harry_j likes?

1.7 Movimento, traços fortes e fracos e *Procrastinar*

Em que termos a noção de ES é requerida no tratamento dos contrastes observados em (14)-(15) e (16)-(17)?

- (14)/(30) What did Bill buy?
- (15)/(31) *Chinês Mandarin*
Bill mai-le shenme?
Bill buy-ASP what
'What did Bill buy?'
- (16)/(32) John often drinks wine.
- (17)/(33) *French*
Jean bois souvent du vin.
Jean drinks often of wine
'Jean often drinks wine.'

1.7.1 Traços fortes e Traços fracos

TRAÇOS FORTES: não são fonologicamente legíveis e devem ser checados antes de a gramática ser bifurcada (em FL e FF).

TRAÇOS FRACOS: são fonologicamente legíveis e devem ser checados somente em FL.

1.7.2 Procrastinar

- O sistema computacional/sintaxe não efetiva checagem de traços, a menos quando é obrigado a fazê-lo.
- Um traço sempre deverá ser checado pelo sistema computacional/sintaxe se for FORTE, ou seja, quando não-interpretável em FF. Caso contrário, o traço será checado apenas em FL.

Assumindo a oposição entre traços FORTES e FRACOS, bem como a noção de PROCRASTINAR, que explicação poderia ser esboçada para captar o contraste entre as sentenças do Inglês e do Búlgaro apresentadas a seguir?

- (18)/(39) a. Who gave what to whom?
b. * Who what to whom gave?

- (19)/(40) *Búlgaro*
a. * Koj dade kakvo na kogo?
who gave what to whom
b. Koj kakvo na kogo dade?
who what to whom gave
'Who gave what to whom?'

- (20)/(41) a. Como você consertou o carro?
b. Você consertou o carro como?

- (21)/(42) a. Como que você consertou o carro?
b. * Que você consertou o carro como?

- (22)/(43) a. Eu perguntei como (que) você consertou o carro?
b. * Eu perguntei (que) você consertou o carro como?

- (23)/(46) a. Que diabo você bebeu?
b. * Você bebeu que diabo?

1.8 Avaliação minimalista da Estrutura Profunda (EP)

- Módulos que entram em jogo na EP para a satisfação de propriedades lexicais: Teoria X-Barra (todos os objetos sintáticos apresentam o mesmo formato) e Teoria Temática (somente posições temáticas devem ser preenchidas).
- EP é o locus em que se estabelece a recursividade.
- EP é o "output" das operações de estruturação sintagmática (*phrase-structure*) e da inserção lexical.
- EP é o "input" das derivações sintáticas.

Qual(is) do(s) grandes fatos da linguagem estão sob a "responsabilidade", direta ou indiretamente, da EP?

1.8.1 Recursividade a partir da operação CONECTAR (MERGE)

- (1) a. João disse que Pedro viu Maria.
b. [_{IP} João [_{I'} Infl [_{VP} disse [_{CP} que [_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]]]]]]]]]

- (2) a. *viu* + CONECTAR *Maria*
[_{VP} viu Maria]
b. VP + CONECTAR Infl
[_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]
c. I' + CONECTAR *Pedro*
[_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]
d. IP + CONECTAR *que*
[_{CP} que [_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]]
e. CP + CONECTAR *disse*
[_{VP} disse [_{CP} que [_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]]]
f. VP + CONECTAR Infl
[_{I'} Infl [_{VP} disse [_{CP} que [_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]]]]]
g. I' + CONECTAR *João*
[_{IP} João [_{I'} Infl [_{VP} disse [_{CP} que [_{IP} Pedro [_{I'} Infl [_{VP} viu Maria]]]]]]]]]]]

1.8.2 Controle e alçamento

→ Contrastes

Papéis temáticos

- (3)/(52) a. Mary hoped to Kiss John.
b. Mary seemed to kiss John.

Licenciamento de expletivos

- (4)/(53) a. It seems that John leaves early.
b. * It hopes that John leaves early.

- (5)/(54) a. There seemed to be a man at the party.
b. * There hoped to be a man at the party.

Expressões idiomáticas

- (6)/(55) a. The shit seemed to hit the fan.
b. * The shit hoped to hit the fan.

- (7)/(56) a. All hell seemed to break loose.
b. * All hell hoped to break loose.

- (8) a. A vaca parecia ter ido para o brejo.
b. # A vaca queria ter ido para o brejo.

Alternância entre voz ativa e voz passiva

- (9)/(57) a. The doctor seemed to examine John.
b. John seemed to be examined by the doctor.

- (10)/(58) a. The doctor hoped to examine John.
b. John hoped to be examined by the doctor.

(11) **Critério- θ**

(a) Cada argumento suporta uma e só uma função- θ .

(b) Cada função- θ de uma estrutura argumental deve ser atribuída a um e um só argumento.

(i) Em que nível(is) de representação o Critério- θ deve ser aplicado?

(ii) De um ponto de vista minimalista, qual deve ser o nível conceitualmente requerido para a aplicação do Critério- θ ?

(12)/(68) **Princípio da Marcação de Papéis- θ (PMP- θ)**

❖ Papéis- θ somente podem ser assinalados sob a operação CONECTAR (MERGE).

Considerando o PMP- θ , por que as estruturas a seguir são mal formadas?

(a) [[o rapaz]_i quer [t_i beijar a moça]]

(b) [[o rapaz]_i parece [PRO_i amar a moça]]

Que derivação é atribuída para a sentença a seguir dentro de TRL?

(13)/(75) I wonder who you said asked what Bill ate.

1.8.3 Propriedades das operações de movimento em TRL

- . Devem se operar após EP.
- . Devem seguir o modo “bottom-up”.

(i) Discuta a derivação da sentença a seguir, confrontando a aplicação e a não-aplicação de ciclicidade para movimento.

(14)/(77) * I wonder what you asked how John fixed?

(ii) Recorrendo à operação MERGE, qual deve ser a sequência de procedimentos para gerar a sentença a seguir?

(15)/(78) I wonder what Bill ate.

(i) Que problema pode ser apontado para estabelecer a representação das sentenças a seguir na EP? Por que uma análise em termos de operador nulo seria problemática?

(16)/(83) a. Ele só conversa com quem ele concorda.

b. Ele só ri de quem ele discorda.

(ii) Qual é a solução sugerida para essas construções em Hornstein, Nunes e Grohmann?

(iii) No que diz respeito à possibilidade de sobreposição entre as operações CONECTAR e MOVER, que propriedade a solução apontada em (ii) nos sugere?

1.9 Condição de Extensão

(17)/(89) Condição de Extensão (versão preliminar)

As aplicações visíveis (abertas) de CONECTAR e MOVER podem somente ocorrer em objetos sintáticos “raízes” (root).

Considerando a Condição de Extensão, por que a estrutura de (18), aplicada à sentença em (17), é problemática?

(17) The woman saw George.

(18) PASSO 1: conecte *saw* e *George* [_{VP} saw George]
PASSO 2: conecte Infl e VP [_{I'} Infl [_{VP} saw George]]
PASSO 3: conecte *woman* e I' [_{IP} woman [_{I'} Infl [_{VP} saw George]]]
PASSO 4: conecte *the* e *woman* [[_{DP} the woman] [_{I'} Infl [_{VP} saw George]]]

→ Tough-constructions

Considerando as construções em (19)-(20), por que a estrutura em (21) não pode, em princípio, corresponder à sentença em (19)?

(19)/(94) Moby Dick is hard for Bill to read.

(20)/(96) It is hard for Bill to read Moby Dick.

(21)/(98) [Moby Dick_i is hard [for Bill to read t_i]]

(i) Que problema a estrutura a seguir apresenta, face às propriedades da EP?

(22)/(99) [Moby Dick is [hard [Op_i [for Bill to read t_i]]]]

(ii) Que solução é apresentada em Chomsky 1981 para resolver esse problema?

(iii) Que problema pode ser apontado para que a proposta de Chomsky 1981 seja implementada?

(iv) Se assumirmos CONECTAR e MOVER, como o problema apontado em (iii) passa a ser resolvido?

(v) Considere a sentença apresentada em (20)/(96). (a) Como ela poderia ser derivada a partir de CONECTAR e MOVER? Por que a presença do expletivo não é bloqueada, face à possibilidade de um DP poder ocorrer na mesma posição?

1.10 Condições de economia e a noção de NUMERAÇÃO

- (23) a. João saiu.
b. Maria disse que João saiu.

IMPORTANTE!!!!

O critério de economia somente entra em jogo para comparar derivações que tenham como ponto de partida os mesmos itens lexicais.

Chomsky 1995: Em lugar da EP, o ponto de partida para a derivação é a NUMERAÇÃO, entendida como um conjunto de pares (LI,i), indicando que LI é um item lexical, e i, o número de vezes que esse item lexical ocorre.

Existe algum problema na Numeração a seguir? Qual?

$N = \{ \text{homem}_{671}, \text{casa}_{23}, \text{comprar}_{17} \}$

1.10.1 Condição de Inclusividade

O objeto linguístico em Forma Lógica (λ) deve ser constituído somente dos traços presentes nos itens lexicais contidos na Numeração.

1.10.2 Condição de Uniformidade

As operações disponíveis no componente coberto devem ser as mesmas disponíveis no componente aberto.

(i) Que implicação a Condição de Inclusividade traz para as consequências de uma operação de movimento?

(ii) Considerando a Condição de Uniformidade, que indagação se pode lançar sobre a noção de PROCRASTINAR?

2. Pontos gerais do Programa Minimalista

Sugestão de leitura: CHOMSKY, Noam. 1995. "Categories and Transformations in a Minimalist Framework". In: *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.

2.1 Derivação e convergência

2.1.1 L é um procedimento gerativo que produz objetos (π, λ) , com instruções para os sistemas articulatório-perceptual e conceptual-intencional, sendo π uma representação PF, e λ , uma representação LF.

2.1.2 Condição da Interpretação Plena (CIP)

π e λ precisam ser objetos legítimos (interpretáveis) em PF e LF.

2.1.3 Não existem Estrutura-D e Estrutura-S. Os únicos níveis são aqueles determinados na interface com os sistemas articulatório-perceptual e conceptual-intencional: PF e LF, respectivamente.

2.1.4 Convergência nas interfaces

- . Uma derivação **converge em PF** se satisfaz à CIP em PF.
- . Uma derivação **converge em LF** se satisfaz à CIP em LF.
- . Uma derivação **converge** se satisfaz à CIP em PF e LF.

De acordo com Raposo (1999), os contrastes apresentados em (i)-(iv) abaixo estão relacionados à seguinte condição:

*At PF, the **definite determiner** cannot immediately precede a **full preposition** within an anaphoric DP.*

Assumindo que a condição acima esteja correta, diga como os contrastes em questão poderiam ser descritos em termos de convergência em PF e LF.

- i
 - a. las personas de tarjeta azul pueden pasar; [las ____ de tarjeta roja] se quedan aquí
 - b. los regalos de tu madre están aquí; [los ____ de tu padre] todavía no los tengo.
- ii
 - a. * las personas con tarjeta azul pueden pasar; pero [las ____ con tarjeta roja] se quedan aquí
 - b. * los regalos para tu madre están aquí; [los ____ para tu padre] todavía no los tengo
- iii
 - a. A torneira da cozinha está funcionando bem, mas [a ____ da lavanderia] está com defeito.
 - b. Aquele lençol da cama precisa ser lavado, e [o ____ do sofá] também.
- iv
 - a. * A torneira pra cozinha está funcionando bem, mas [a ____ pra lavanderia] está com defeito.
 - b. * Aquele lençol em cima da cama precisa ser lavado, e [o ____ em cima do sofá] também.

Caracterize a construção a seguir quanto à convergência. É plausível afirmar que ela é convergente em uma das interfaces, mas não em outra? Por quê?

Que homem (que) a moça beijou o menino?

2.1.5 Além de satisfazer à CIP, uma derivação precisa ser ótima, obedecendo a certos requerimentos de economia: localidade de movimento, ausência de passos supérfluos etc. Mesmo quando convergem, as computações menos econômicas são bloqueadas.

2.1.6 As considerações de economia são aplicadas apenas sobre as derivações convergentes; se fracassa, uma derivação não bloqueia outras derivações.

2.1.7 O sistema computacional é derivacional, e não representacional.

De uma perspectiva representacional, o Princípio da Atribuição de Papel- θ (apresentado em (i) a seguir) poderia ser redefinido como uma condição sobre a boa-formação de cadeias em LF, tal como em (ii).

(i) Princípio da Atribuição de Papel- θ

A atribuição de um papel- θ ocorre apenas como resultado da operação *Merge*.

(ii) Dada uma cadeia-A, somente sua cauda pode ser θ -marcada.

Considerando os contrastes entre estruturas de controle e estruturas de alçamento (ver os exemplos a seguir), *discuta se tais estruturas podem ser corretamente analisadas nos termos de (ii). O que se pode concluir a respeito da necessidade de Estrutura-D dentro de uma abordagem representacional para a computação sintática?*

- (iii) a. The doctor seemed to examine John.
b. John seemed to be examined by the doctor.
- (iv) a. The doctor hoped to examine John.
b. John hoped to be examined by the doctor.

(Adaptado de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 57)

Considerando a condição sobre formação de cadeias em LF em (i) a seguir, sugerida para aplicação em uma abordagem representacional, discorra sobre as propriedades da oração relativa “sem cabeça” exemplificada em (ii).

(i) Dada uma cadeia-A, somente sua cauda pode ser θ -marcada.

(ii) Mary would laugh at whomever she would look at.

(Adaptado de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 62)

2.2 A computação sintática

2.2.1 A computação sintática (C_{HL}) projeta um arranjo A de escolhas lexicais em (π, λ) . O arranjo A abarca tanto as escolhas lexicais, como quantas vezes cada uma delas é selecionada para a construção de (π, λ) .

2.2.2 O arranjo A é uma *numeração*, entendida como a seguir.

2.2.1 Numeração

Conjunto de pares (IL, i) , em que IL é um item proveniente do léxico, e i é o índice para o número de vezes em que IL é selecionado.

- (1) a. O irmão da Maria roubou o bombom da Ana.
b. Numeração = $\{o_2, irmão_1, de_2, a_2, Maria_1, roub-1, bombom_1, Ana_1, T_1\}$

2.2.3 Uma computação não é considerada uma derivação sem que todos os índices da Numeração estejam reduzidos a zero.

2.2.4 Como procedimento gerativo, a língua L se aplica sobre uma numeração N, formando a seqüência S $(\sigma_1, \sigma_2, \sigma_3 \dots \sigma_n)$, terminando apenas se σ_n for um par (π, λ) e N estiver reduzida a zero.

2.2.5 Operações básicas (“gratuitas”) de C_{HL}

- SELECIONAR: Selecione um item lexical da numeração, reduza o seu índice de 1 e o introduza na derivação.
- CONECTAR (MERGE): Combine dois objetos sintáticos.

2.2.6 Uma derivação somente será convergente se a operação CONECTAR for aplicada em um número de vezes necessário à obtenção de um único objeto sintático.

Considerando a idéia de que derivações com um menor número de operações bloqueiam aquelas em que se recorre a um maior número de operações, o que se esperaria sobre a convergência das estruturas correspondentes às sentenças a seguir?

- (1) a. Choveu.
b. Choveu muito hoje.
c. A Maria disse que choveu muito hoje.

2.2.7 **IMPORTANTÉ!!!!**

A Numeração corresponde ao **conjunto de referência** para avaliar se uma derivação é **ótima**.

Para evitar que a derivação da sentença em (i) seja bloqueada pela derivação da sentença em (ii), assumimos que somente derivações com a mesma Numeração devem ser comparadas para propósitos de economia. Diante disso, apresente as Numerações que servem de ponto de partida para gerar (i) e (ii), e explique por que é necessário assumir que as derivações devem exaurir uma Numeração.

- (i) John left.
(ii) Mary Said John left.

(Adaptado de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 71)

Considerando a proposta de **checagem**, explique por que o par de sentenças em (i) podem apresentar a mesma Numeração, mas não o par em (ii).

- (i) a. John said that Peter loves Mary.
b. Peter said that John loves Mary.

- (ii) a. John loves Mary.
b. Mary loves John.

(Adaptado de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 71)

Em termos de checagem, explique por que as sentenças a seguir são agramaticais. Desenvolva a derivação de cada sentença, desde a Numeração.

- (i) a. * Her likes he.
b. * John doesn't expect she to leave.
c. * It was believed her to be tall.
d. * She likes. (com o sentido de "She likes herself")

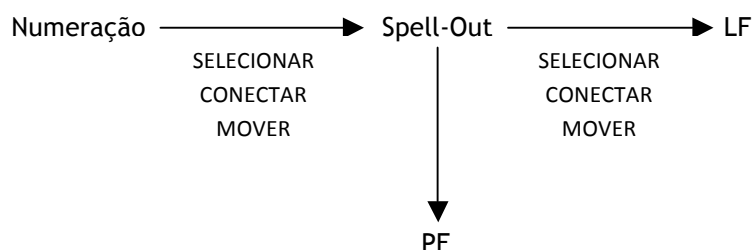
(Adaptado de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 32)

2.2.8 Condição de Inclusividade

- ❖ Em uma *língua perfeita*, qualquer estrutura formada pela computação sintática é constituída por elementos já presentes nos itens lexicais selecionados para a Numeração. **Nenhum objeto novo é acrescentado no decurso na derivação.**

Considere a abordagem de Raposo (1999), apresentada na p. 1 da apostila, para os contrastes envolvendo a preposição *de*, por um lado, e as demais preposições, por outro. Como essa abordagem deve ser avaliada, frente à Condição de Inclusividade?

- ❖ A Condição de Inclusividade é satisfeita **da Numeração para LF**. A mesma Condição parece ser falsa no que diz respeito à computação para PF.
- ❖ Os elementos interpretáveis na interface A-P não são interpretáveis na interface C-I, e vice-versa. Em algum ponto, a computação é bifurcada, formando π e λ . Após a bifurcação (*Spell-Out*), não há qualquer interação entre os componentes (π e λ) formados.



2.2.9 Na computação de N para λ (mas não para π), os procedimentos computacionais são uniformes, no sentido de que podem se aplicar em qualquer ponto (antes e depois de *Spell-Out*).

A agramaticalidade da construção em (i) abaixo pode ser estabelecida em termos de LF, considerando-se que a sua estrutura nesse nível é como em (iia), e não como em (iib). Esta análise é compatível com a Condição de Uniformidade e a Condição de Inclusividade? Por quê?

(i) * Which man said he_i liked which picture that Harry_i bought?

(ii) a. LF:

* [_{CP} which_m [which man]_k [_{IP} t_k said he_i liked t_m picture that Harry_i bought]]

b. LF:

* [_{CP} [which picture that Harry_i bought]_m [which man]_k [_{IP} t_k said he_i liked t_m]]

2.2.10 Traços presentes nas entradas lexicais

- ❖ **Traços fonológicos:** aqueles que recebem uma interpretação apenas na interface A-P. Dizemos que esses traços são **fonologicamente interpretáveis**.
- ❖ **Traços semânticos:** aqueles que recebem uma interpretação apenas na interface C-I. Dizemos que esses traços são **semanticamente interpretáveis**.
- ❖ **Traços formais:** aqueles acessíveis no decurso da computação (da Numeração até LF). Podem ou não ser **semanticamente interpretáveis**.
 - **Traços formais intrínsecos:** explicitados na entrada lexical ou determinados por propriedades enumeradas na entrada lexical.
 - **Traços formais opcionais:** acrescentados ao item lexical no momento em que ele entra na Numeração.

2.2.11 A aplicação da operação SELECIONAR após Spell-Out

- ❖ **SELECIONAR não opera na componente fonológica:** na computação que vai de Spell-Out até PF, não há seleção de itens a partir da Numeração.
- ❖ Dada a Condição de Uniformidade, SELECIONAR pode se aplicar na componente não-visível.

- (i) Considere a seguinte idéia: ***Itens lexicais com traço forte podem ser selecionados na componente não-visível.***
- Tendo em vista a Condição de Uniformidade, por que essa idéia é plausível?
 - Se esta ideia estiver correta, quais seriam as suas consequências sobre a hipótese de que determinadas categorias precisam se mover abertamente para satisfazer a requerimentos de interpretabilidade na componente fonológica?
- (ii) Considerando a possibilidade de a operação SELECIONAR ser aplicada na componente não-visível, e tendo em vista as implicações da Condição de Uniformidade, como a caracterização de um traço forte como algo que não é “suportado” pela componente fonológica deve ser avaliado?

2.2.12 Traço forte

É aquele que uma derivação não pode tolerar. **A entrada de um traço forte na derivação desencadeia uma regra que resulta na sua eliminação.**

- (i) Considerando-se a idéia de que de um traço forte precisa ser eliminado por meio de uma operação de checagem, **como o requerimento da ciclicidade poderia ser motivado?**
- (ii) Suponha uma derivação Σ que contenha uma categoria α com um traço forte. Explique por que Σ seria cancelada se α fosse parte de uma categoria cujo núcleo não é α .

- i. De uma perspectiva minimalista, por que a hipótese de checagem de Caso seria melhor que a de atribuição de Caso para explicar como as construções em (1) e (2) abaixo são derivadas?
- ii. Considerando-se a noção de ciclicidade, qual é o “incômodo” associado à aplicação de checagem a essas sentenças?
- iii. O que é preciso assumir a respeito do requerimento de ciclicidade em LF?
- iv. Como a assunção apresentada em iii seria avaliada quanto à Condição de Uniformidade?
- (1) Mary thinks that there is a cat on the mat.
- (2) Mary entertained the men during each other’s vacation?

Sentenças extraídas de: Hornstein, N., J. Nunes, and K. K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 287.

3. Papéis Temáticos

Sugestão de leitura: HORNSTEIN, N., J. Nunes & K. Grohmann. 2005. 'Theta domains'. In: *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. 76-110.

3.1 Papéis temáticos e argumentos externos

- (1) a. She took the book. e. She took offence.
b. She took a rest. f. She took office.
c. She took a bus. g. She took her medicine.
d. She took a nap. h. She took her time.

3.2 Atribuição de papel temático e a noção de Regência

- (2)/(4) a. John saw Mary.
b. [_S John INFL [_{VP} saw Mary]]
c. [_{IP} John [_{I'} I⁰ [_{VP} saw Mary]]]
d. [_{IP} John [_{I'} I⁰ [_{AgrOP} AgrO⁰ [_{VP} saw Mary]]]]

(3) Regência

α rege B sse

- (i) α c-comanda B e
(ii) B c-comanda α

(4)/(7) Regência

α rege B sse

- (i) α m-comanda B
(ii) B m-comanda α

3.3 A Hipótese do Sujeito Interno ao Predicado (HSIP)

De um ponto de vista minimalista, qual seria a vantagem de recorrer às estruturas a seguir - com (5b) sendo derivada a partir de (5a) - como representações da sentença *John saw Mary*.

- (5)/(5)-(6) a. [_{VP} John [_{V'} saw Mary]]
b. [_{IP} Johni [_{I'} I⁰ [_{VP} t_i [_{V'} saw Mary]]]]

3.4 Evidências para a HSIP

3.4.1 Expressões idiomáticas

Por que as construções a seguir, que apresentam uma expressão idiomática, podem ser tomadas como um argumento em favor da HSIP?

- (6) a. The shit may/should/might/can hit the fan.
b. The shit hit/will hit/is hitting/has hit the fan.
c. The shit did not hit the fan.
d. The shit did not hit the fan.

Por que, diferentemente do observado entre os casos em (6), a leitura idiomática de (7) abaixo não é preservada nos casos exemplificados em (8)-(9)?

(7)/(19) a. A rolling stone gathers no moss.
b. Is the Pope catholic?

(8)/(20) a. # A rolling stone gathered /might gather/is gathering no moss.
b. # A rolling stone seemed to gather no moss.

(9)/(21) a. # Was the Pope catholic?
b. # Mary wonders whether the Pope is catholic.

3.4.2 Restrição das estruturas coordenadas

(10)/(24) a. * [_{CP} what_i did [_{IP} John eat t_i] and [_{IP} Bill cook hamburgers]]
b. [_{CP} what_i did [_{IP} John eat t_i] and [_{IP} Bill cook t_i]]

Por que a construção a seguir, que mostra duas orações coordenadas, pode ser tomada como uma evidência em favor do HSIP?

(11)/(25) The girls will write a book and be awarded a prize for it.

3.4.3 Efeitos de ligação

Na sentença em (a), *each other* pode ser correferente tanto ao sujeito da encaixada (*the kids*) quanto ao sujeito da principal (*they*); em (b), diferentemente, *each other* só pode ser correferente ao sujeito da encaixada. Assumindo HSIP, como esse contraste pode ser explicado?

(12)/(28) a. Which stories about each other did they say the kids liked?
b. ...but listen to each other, they say the kids won't.

3.4.4 Quantificadores flutuantes

(13)/(31) a. All the men have left the party.
b. The men have all left the party.

(14)/(34) a. As meninas tinham todas/*todos almoçado.
b. Os meninos tinham *todas/todos almoçado.

As construções a seguir podem ser tomadas como um obstáculo para o HSIP? Por quê?

(i) a. Os rapazes tinham todos eles provado da comida.
b. Os rapazes tinham os dois provado da comida.

3.4.5 A ordem VSO

(15)/(40) *Irish*
Thóg sí teach dófa ar an Mhullach Dubh.
raised she house for.them on the Mullaghduff
'She built a house for them in Mullaghduff.'

(16)/(41) [IP V_i+Infl [VP SUJEITO [t_i OBJETO]]]

Como a HSIP permite explicar os fatos do *Black English Vernacular* destacados a seguir, que envolvem a posição do sujeito e do verbo auxiliar?

- (i) Didn't nobody see it.
- (ii) I know a way that can't nobody start a fight.
- (iii) It's reason didn't nobody help him.

(i) Atente para as construções abaixo e esboce uma generalização para os fatos observados, recorrendo à hipótese de HSIP.

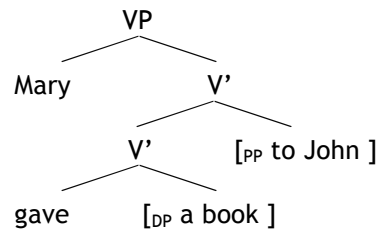
- (i) a. Naquele quarto, dorme(m) as crianças.
b. Naquele quarto, as crianças dormem.
- (ii) a. No andar de baixo, fica(m) os convidados mais chics.
b. No andar de baixo, os convidados mais chics ficam.
- (iii) a. Na Unicamp, estuda o meu irmão.
b. Na Unicamp, o meu irmão estuda.
- (ii) O que a generalização esboçada para as construções acima teria a dizer sobre as sentenças abaixo?
- (iv) a. Naquele loja, vende o livro novo do Saramago.
b. Naquela loja, o livro novo do Saramago vende.
- (v) a. Nessa máquina, lava qualquer tipo de roupa.
b. Nessa máquina, qualquer tipo de roupa lava.
- (vi) a. No pavilhão dos professores, chega(m) as correspondências mais importantes.
b. No pavilhão dos professores, as correspondências mais importantes chegam.

3.5. Verbos ditransitivos

3.5.1 C-comando e ligação

(17)/(50) Mary gave a book to John.

(18)/(51)

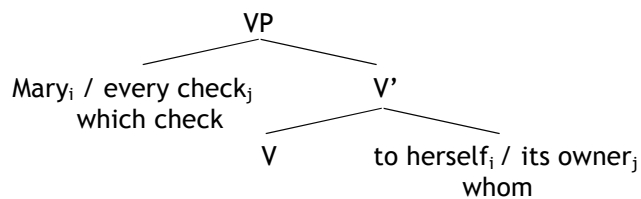


(19)/(52) a. I presented/showed Mary to herself.
b. * I presented/showed herself to Mary.

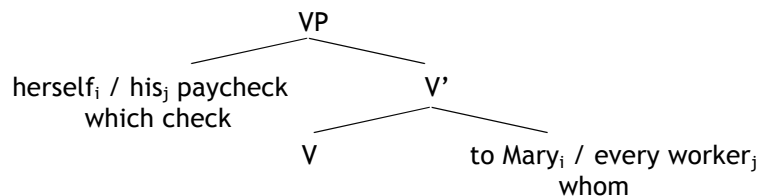
(20)/(53) a. I gave/sent [every check]_i to its_i owner.
b. ?? I gave/sent his paycheck to [every worker]_i.

(22)/(55) a. Which check did you send to whom?
b. * Whom did you send which check to?

(23)/(58)



(24)/(59)



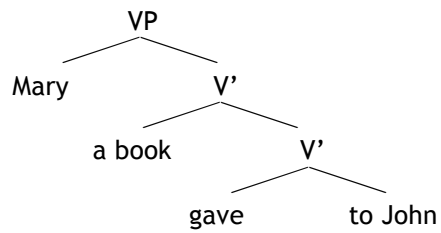
(i) À primeira vista, o conjunto de construções a seguir representa uma evidência contrária à assunção da estrutura em (23)/(58). Por quê?

(25)/(60) a. Lasord *sent* his starting pitcher *to the showers*.
b. Mary *took* Felix *to the cleaners / to task / into consideration*.
c. Felix *threw* Oscar *to the wolves*.
d. Max *carries* such behavior *to extremes*.

(ii) Que visão sobre esse conjunto de construções pode torná-lo um ponto em favor da estrutura em (23)/(58)?

3.5.2 Conchas verbais

(26)/(61)

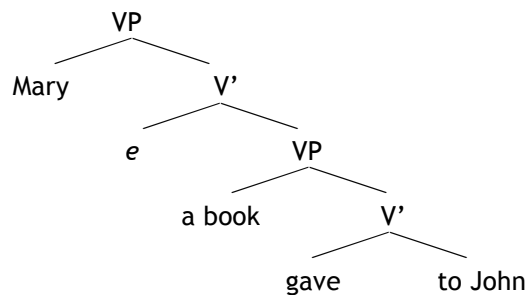


Se assumirmos a estrutura em (26)/(61) como correta, que problema pode ser apontado para derivar a sentença a seguir.

Mary gave a book to John.

3.5.2.1 A abordagem de Larson (1988)

(27)/(62)

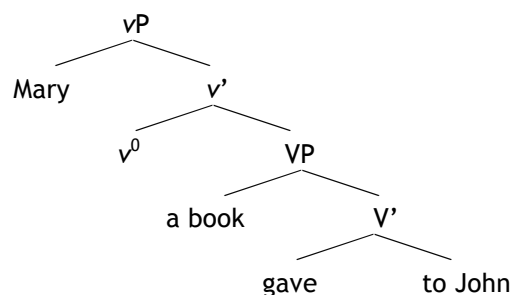


De um ponto de vista minimalista, a abordagem de Larson (1988) apresenta um ponto positivo e um ponto negativo. Quais são esses pontos?

3.5.2.2 A concha do verbo leve

(28)/(71) a. Mary gave a book to John.

b.



3.6 Consequências da HSIP

3.6.1 A “dupla concha” em verbos transitivos simples

(29)/(76) TV violence harms children.

(30)/(77) $[_{VP} [TV\ violence] [_{v'} v [_{VP} harms\ children]]]$

- (31)/(78)-(79) a. TV violence does harm to children.
 b. [_{VP} [TV violence] [_{V'} does [_{VP} harm to children]]]

O par de sentenças a seguir apresenta um ponto favorável à adoção de “duas conchas” para verbos que só tenham um argumento interno. Qual é esse ponto?

- (32)/(80) a. John threw the ball to Mary.
 b. John threw the ball.

(i) De acordo com a hipótese da “dupla concha”, como a Generalização de Búrzio pode ser formalmente captada? Considere, em sua resposta, o(s) contraste(s) entre as sentenças a seguir.

- (33)/(81) a. The army sank the ship.
 b. The ship sank.

(ii) Como os contrastes a seguir, envolvendo voz passiva, poderiam ser unificados com a mesma abordagem oferecida para (33)/(81)?

- (34)/(84) a. John built that house last year.
 b. That house was built (by John) last year.

- (35)/(85) Basco
 Jonek Aitorri min egin dio.
Jon.ERG Aitor.DAT hurt do AUX
 ‘John hurt Aitor.’

- (36)/(86) Tibetano
 Thubten-gyis Lobsang-la kha byskal-song.
Thubten-ERG Lobsang-LOC mouth delivered-PERF
 ‘Thubten kissed Lobsang.’

3.6.2 Verbos inacusativos e verbos inergativos

- (37)/(88) Italiano
 a. Giovanni ha/*è comprato un libro.
 b. Giovanni ha/*è telefonato.
 c. Giovanni *ha/è arrivato.

- (38)/(89) Português
 a. A Maria comprou os livros.
 b. Comprados os livros...
 c. *Comprada a Maria, ...
 d. Chegada a Maria, ...
 e. * Espirrada a Maria, ...

- (39)/(90) Inglês
 a. John smiled (a beautiful smiled).
 b. John arrived (*an unexpected arrival).

Recorrendo à hipótese da “dupla concha verbal”, como poderíamos formalizar uma generalização para captar a oposição entre verbos inergativos e verbos inacusativos?

(40)/(94) Basco (construções transitivas)

- a. Jonek Mireni min egin dio.
Jon.ERG Miren.DAT hurt do AUX
'John hurt Miren.'
- b. Jonek kandelari putz egin dio
Jon.ERG candle.DAT blow do AUX
'John blew out the candle.'

(41)/(95) Basco (construções inergativas)

- a. Emakumeak barre egin du.
woman.DEF.ERG laugh do AUX
'The woman has laughed.'
- b. Nik eztul egin dut.
I.ERG cough do AUX
'I have coughed.'

(42)/(96) Basco (construções inacusativas)

- a. Emakumea erori da.
Woman.DEF.ABS fallen AUX
'The woman has fallen.'
- b. Kamioiak etorri dira.
Truck.DET.PL arrived AUX
'The trucks have arrived.'

(i) Atente para as expressões do castelhano apresentadas a seguir e esboce uma explicação, em termos de domínios temáticos, que capture os contrastes em torno dos efeitos de extração.

- (43) a. [De qué]_i bebiste una botella t_i
b. Cuántas botellas bebiste t_i de cerveza
- (44) a. * [De qué]_i rompiste una botella t_i
b. * Cuántas botellas_i rompiste t_i de cerveza

(Castillo 1998 / exemplos (12)-(13))

4. Caso

Sugestão de leitura: HORNSTEIN, N., J. Nunes & K. Grohmann. 2005. 'Case domains'. In: *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. 111-140.

4.1 Caso e níveis de representação

(i) O que o conjunto das sentenças a seguir nos revela a respeito do nível de representação onde, na TRL, a marcação de Caso deveria ser satisfeita?

(1) [IP he_{NOM} [I' I⁰ [VP t admires him_{ACC}]]]

(2) a. I met the man [OP_i that Mary believed t_i to be a genius]
b. * I met the man [OP_i that it was believed t_i to be a genius]

(ii) Na primeira fase do Programa Minimalista, qual era a proposta para lidar com a noção de "Caso", sem incorrer na assunção de níveis que não fossem conceitualmente motivados?

A partir da HSIP, o estabelecimento de relações- θ passa a ser estritamente local, envolvendo apenas relações NÚCLEO-COMPLEMENTO e NÚCLEO-ESPECIFICADOR. Em princípio, que tipo de construção impediria que a atribuição/checagem de Caso envolvesse relações estritamente locais? Por quê?

4.2 Caso e Regência

(3) Regência (I)

α rege β sse

- (i) α c-comanda β
- (ii) β c-comanda α

(i) Se assumirmos a noção de regência tal como em (3) acima, as configurações em (4)/(5) a seguir se tornam problemáticas para a adequada interação entre //s e os elementos que se encontram na posição de especificador. Por quê?

(4)/(5) a. [IP he [I' I_{FIN} VP]]
b. [DP John [D' 's NP]]

(ii) Que reformulações foram feitas no conceito de regência para permitir que os fatos em (4)/(5) fossem adequadamente capturados?

(5) Regência (II)

α rege β sse

- (i) α m-comanda β
- (ii) β m-comanda α

(6) M-Comando

α m-comanda β sse

(i) α não domina β

(ii) β não domina α

(iii) toda projeção máxima que domina α também domina β

(iv) α não é igual a β

Explique o contraste observado entre as sentenças a seguir e verifique se esse contraste poderia ser abarcado pelo conceito de regência, tal como apresentado em (5).

(7)/(8) a. [John [_{VP} expects [_{IP} her to win]]]
b. [[_{CP} for [_{IP} him to leave]]] would be terrible]

(8)/(9) a. * [it was [_{VP} expected [_{IP} her to win]]]
b. * [[_{CP} him to leave] would be terrible]

(9) Regência (III)

α rege β sse

(i) α m-comanda β

(ii) não existe nenhuma barreira γ que domina β mas não domina α

4.3 Caso e “implosão” de Infl

4.3.1 Línguas que apresentam concordância O-V

(11)/(13) Basco
Gizon-ek eskutitza-k Amaia-ri d arama-zki-o-te
man-ERG.PL letter-ABS.PL Amaia-DAT bring-3.PL.ABS-3.SG.DAT-3.PL.ERG
'The men bring the letters to Amaia.'

4.3.2 Posição do verbo em relação a categorias adverbiais

(14)/(17) a. Pierre parle à peine l'italien.
b. * Pierre à peine parle l'italien.
c. Pierre ne parle pas l'italien.
d. * Pierre ne pas parle l'italien.

(15)/(19) a. Parler à peine l'italien...
b. À peine parler l'italien...
c. * Ne parler pas l'italien...
d. Ne pas parler l'italien...

(16)/(20) [TP ... T ... (pas) ... [_{AgP} ... Agr (à peine) [_{VP} ... V ...]]]

4.3.4 Caso oblíquo

(22) [PP P DP]

- (23)/(35) Húngaro
a. én-mögött-em
I-behind-POSS. 1.SG
b. *mögött-em én
behind-PSS. 1.SG I
'behind me'

- (24)/(36) Húngaro
a. *a hidon át
the bridge.SUP over
b. át a hidon
overthe bridge.SUP
'over the bridge'

- (25)/(37) a. Mesmo as meninas criticaram o professor.
b. * Mesmas as meninas criticaram o professor.

c. As meninas mesmo criticaram o professor.
d. As meninas mesmas criticaram o professor.

. Que "generalização" pode ser feita em torno das construções a seguir?
. Essa generalização poderia ser tratada em termos de Caso? Por quê?

- (i) a. O verão chegando, as praias vão lotar.
b. Com o verão chegando, as praias vão lotar.

(ii) a. Chegando o verão, as praias vão lotar.
b. * Com chegando o verão, as praias vão lotar.

Dentro da noção de que Caso precisa ser checado/atribuído por meio de uma relação NÚCLEO-ESPECIFICADOR, como os contrastes apresentados a seguir poderiam ser abordados?

- (26) a. Por dentro daqueles armários encheu de cupim.
b. * Por dentro daqueles armários encheram de cupim.

c. Aqueles armários por dentro encheu/encheram de cupim.

(27) a. Atrás dessas poltronas está sujo.
b. * Atrás dessas poltronas estão sujas.

c. [Essas poltronas atrás] estão sujas.

(i) Se considerarmos que a elipse do verbo *eat*, na construção em (1/58) abaixo, é obtida por meio de deleção, como os fatos em (2/59)-(3/60) devem ser analisados?

1/58 John ate a bagel and Susan did a knish.

2/59 a. John gave a bagel to Mary and Susan did a knish.
b. John expected Mary to eat a bagel and Susan did Sam.

3/60 a. John gave a bagel to Mary and Susan did give a knish to Mary.
b. John expected Mary to eat a bagel and Susan did expect Sam to eat a bagel.

(ii) A análise fornecida para as construções acima permitiriam capturar a agramaticalidade das construções a seguir? Por quê?

4/62 a. ?? John gave a bagel to Mary and Susan did a knish to Sam.
b. * John expected Mary to eat a bagel and Susan did Sam to eat a knish.

(iii) Como a abordagem minimalista em torno da noção de Caso permitiria explicar a agramaticalidade dessas construções em 4/62?

(iv) Ainda sobre a abordagem minimalista, que problema ela traria para explicar a agramaticalidade dos casos em 5/65, apresentados a seguir? Que solução poderia/deveria ser explorada para resolver esse problema?

5/65 a. * John gave a bagel to Mary and Susan did a knish give to Sam.
b. * John expected Mary to eat a bagel and Susan did Sam expect to eat a bagel.

(v) Nos dois casos a seguir, o constituinte *very sincerely* é interpretado como um adjunto adverbial relacionado ao verbo *believe*. Que tipo de evidência esses casos fornecem para a abordagem minimalista em torno da noção de Caso?

6/68 John *very sincerely* believes Mary to be the best candidate.

6/69 John believes Mary *very sincerely* to be the best candidate.

11/20 *Domínio Mínimo*

O Domínio Mínimo de α - $\text{MinD}(\alpha)$ - é o conjunto de categorias imediatamente contidas ou imediatamente dominadas pelas projeções do núcleo α , excluindo projeções de α .

12/21 *Domínio Mínimo Estendido*

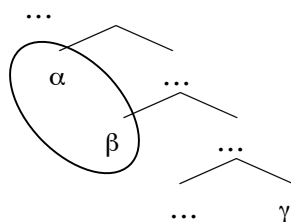
O $\text{MinD}(\alpha)$ de uma cadeia formada pela adjunção de Y^0 a X^0 é a união de $\text{MinD}(Y^0)$ e $\text{MinD}(X^0)$, excluindo projeções de Y^0 .

→ Chomsky 1993

13/22 *Eqüidistância (versão I)*

Se α o alvo do movimento para γ , e estando β no mesmo MinD que α , então α e β são eqüidistantes de γ .

14/23



Considerando a noção de **Eqüidistância** apresentada em 13/22 acima, como a sentença a seguir pode ser adequadamente derivada?

15/25 He greeted her.

Considerando o conceito de Domínio Mínimo Estendido apresentado a seguir, como a agramaticalidade da sentença em (ii) pode ser explicada?

i-42 Domínio Mínimo Estendido

O Domínio Mínimo MinD de uma cadeia formada pela adjunção de um núcleo Y^0 a um núcleo X^0 é a união de $\text{MinD}(Y^0)$ e $\text{MinD}(X^0)$, excluindo projeções de Y^0 .

ii * *He greeted her.* (com um significado equivalente a *She greeted him.*)

5.3 Minimalidade, Equidistância e o estatuto de Agr

Justifique a afirmação que segue, apresentada em Hornstein, Nunes & Grohmann (2005:162).

Agr-projections have no obvious independent interpretation at the LF or PF interface. As such, their motivation is purely theory-internal.

(a) Como o Caso acusativo passa a ser checado, à luz da assunção de que as sentenças transitivas apresentam uma estrutura larsoniana, nucleada por v ?

(b) Considerando o papel que os componentes de interface assumem na agenda minimalista, qual é a vantagem de assumir vP , em vez de AgrOP, como o domínio

16-57 Equidistância (versão final)

Se duas posições a e b estão no mesmo MinD, elas são equidistantes de qualquer outra posição.

À luz da definição de Equidistância em (16-57), explique a agramaticalidade da sentença a seguir:

(i) * *He greeted her.* (com um significado equivalente a *She greeted him.*)

Se combinarmos a definição de Equidistância em (16-57) acima e a hipótese de que a estrutura lexical de sentenças transitivas são uma projeção de vP , como o problema da checagem de Caso em construções bitransitivas pode ser resolvido?

17-63 a. * $[_{CP} \text{ who}_i \text{ did you wonder } [_{DP} \text{ what}_k \text{ John } [\text{gave } t_k \text{ to } t_i]]]$
b. $??[_{CP} [\text{to whom}]_i \text{ did you wonder } [_{CP} \text{ what}_k \text{ John } [\text{gave } t_k t_i]]]$

18-64 a. $?[_{CP} \text{ who}_i \text{ do you wonder } [_{CP} \text{ whether John gave a book to } t_i]]$
b. $??[_{CP} [\text{to whom}]_i \text{ did you wonder } [_{CP} \text{ whether John gave a book } t_i]]$